

**O SONHO COMO REALIZAÇÃO DO DESEJO INCONSCIENTE DE
BRANQUITUDE DA PESSOA NEGRA COM O IDEAL DE EGO BRANCO.**

**THE DREAM AS A REALIZATION OF THE UNCONSCIOUS DESIRE FOR
WHITENESS OF THE BLACK PERSON WITH THE WHITE EGO IDEAL.**

**EL SUEÑO COMO REALIZACIÓN DEL DESEO INCONSCIENTE DE
BLANCURA DE LA PERSONA NEGRA CON EL YO IDEAL BLANCO.**

Hedy Carlos Santos de Pina¹

RESUMO

O artigo visa discutir sobre o desejo inconsciente da pessoa negra de tornar-se branca em uma sociedade que lhe impõe um ideal de ego segundo modelo branco. Para tanto, segue a análise de dois psiquiatras negros que atendiam pacientes que manifestavam, de certa forma, um desejo de embranquecimento: A análise que Neusa Souza Santos, na obra Tornar-se Negro, faz sobre os efeitos desse modelo ideal de ego na vida psíquica do sujeito negro; e análise dos sonhos de pacientes negras que Franz Fanon traz nos seus escritos Pele Negra, Máscara Branca. Considerando que os sonhos são manifestações de desejo inconsciente, ao analisá-los, busca refletir sobre as implicações clínicas da imposição de um ideal inatingível sobre as pessoas negras dentro de uma estrutura social constituída predominantemente por ideais da branquitude.

Palavras-chave: Desejo inconsciente; Ideal de ego; Sonhos.

ABSTRACT

The article aims to discuss the unconscious desire of the black person to become white in a society that imposes an ego ideal according to the white model. To this end, it follows the analysis of two black psychiatrists who attended patients who manifested, in a way, a desire to whiten: The analysis that Neusa Souza Santos, in the work Tornar-se Negro, makes about the effects of this ideal model of ego in the psychic life of the black subject; and analysis of the dreams of black patients that Franz Fanon presents in his writings Pele Negra, Máscara Branca. Considering that dreams are manifestations of unconscious desire, when analyzing them, it seeks to reflect on the clinical implications of the imposition of an unattainable ideal on black people within a social structure predominantly constituted by ideals of whiteness.

Keywords: Unconscious desire; Ego ideal; Dreams.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo discutir el deseo inconsciente de la persona negra de convertirse en blanco en una sociedad que impone un ideal del yo según el modelo blanco. Para ello, se presenta a continuación el análisis de dos psiquiatras negros que atendían pacientes que manifestaban, en cierto modo, deseo de blanqueamiento: El análisis que Neusa Souza Santos, en la obra Tornar-se Negro, hace sobre los efectos de este modelo ideal del yo en la vida psíquica del sujeto negro; y análisis de los sueños de pacientes negros que presenta Franz Fanon en sus escritos Pele Negra, Máscara Branca. Considerando que los sueños son manifestaciones del

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, <http://lattes.cnpq.br/9111144429032773>,
<https://orcid.org/0009-0004-9416-4707>, hedycarlosp@gmail.com

desejo inconsciente, al analizarlos se busca reflexionar sobre las implicaciones clínicas de imponer un ideal inalcanzable a las personas negras dentro de una estructura social predominantemente constituida por ideales de blancura.

Palabras clave: Deseo inconsciente; Ideal del yo; Sueños.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca adentrar e discutir algumas questões relativas ao modelo ideal de ego imposto a homens e mulheres negras dentro de uma estrutura social que valoriza esse modelo ideal branco. A discussão exposta é resultado de provocações de dois autores, psiquiatras e psicanalistas negros, que afirmam haver no sujeito negro, o desejo inconsciente de embranquecer, e frente à impossibilidade de realização desse desejo, restaria, à pessoa negra, submeter à punição do ego, a autodesvalorização, ao complexo de inferioridade; ou a lutar, a criar para si um novo ideal de ego, empreender uma transformação das estruturas sociais que o colocam perante o dilema: embranquecer ou desaparecer.

As sociedades marcadas pelo colonialismo europeu, como já é sabido, mesmo após uma independência político-militar, mantiveram ou tendem a manter uma estrutura social, moral, estética e cultural fundamentada sobre os critérios da velha sociedade colonial. Reservando as devidas qualidades e o contexto histórico de cada uma, sem pretensão de universalizar uma dada experiência, podemos constatar que certas sociedades que sofreram com o domínio colonial europeu, produzem e reproduzem indivíduos com certa estrutura psicológica específica. Sociedades que foram configuradas de maneira a produzir nos indivíduos desejos inconscientes, complexos e formas de comportar que estabeleceram, por muito tempo, determinados tipos de relações.

Essas premissas e conclusões não foram elaboradas de forma arbitrária por nós, mas com base nas análises de psiquiatras como Frantz Fanon e Neusa Santos Souza que empreenderam seus estudos na compreensão da psicologia dos indivíduos dessas sociedades e suas relações entre si. Tanto o psiquiatra antilhano, como a psiquiatra brasileira reconhecem nos seus pacientes, homens e mulheres negras, um desejo inconsciente: tornar-se branco.

Souza (2021, p. 115-116) constata que o sujeito negro foi submetido a um ideal de ego branco e “a possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível a contestação do modelo

advindo das figuras – pais ou substitutos – que lhes ensinaram a ser uma caricatura do branco” e conclui a psiquiatra: “rompendo como esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio.” Tal tarefa seria uma luta política tanto de construção de um ideal novo de ego como transformar o contexto social em que os negros estão inseridos.

Fanon, ao interpretar os sonhos de angústia de crianças e adultos negros, reconhece a manifestação desse desejo inconsciente, no entanto, não como fruto da sexualidade do indivíduo, mas da condição social que vive tais indivíduos. A proposta do autor é conscientizar os seus pacientes do seu desejo inconsciente, para que estes possam ter a autonomia de escolher manter ou transformar as estruturas sociais, onde os ideais de branco são predominantes.

UM SONHO DE UMA CRIANÇA NEGRA

Antes de prosseguir nas teorias e narrativas desses autores que fundamentam e justificam esta constatação, apresentamos aqui um relato de um sonho que tive no fim da minha infância e início da puberdade que pode corroborar na compreensão desse problema. *Sonhei que eu estava ficando mais bonito, os cabelos ficaram mais lisos e a pele tornou-se mais clara.*

A condição interna que levou a produção desse sonho nos parece evidente: o desejo inconsciente de embranquecer-se. No entanto, o que devemos questionar é: quais fatores externos produziram na mente dessa criança negra o desejo de tornar-se branco? Para responder a essa questão faz-se necessário expor a realidade no qual a criança está inserida. O contexto que vive o sonhador é o seguinte: Nascido dez anos depois da independência política de Cabo Verde, numa das ilhas que compõem o arquipélago de dez ilhas, situado na costa ocidental da África. Ele é o segundo e último filho de uma mãe solteira e meio-irmão da outra criança de pele mais clara. A criança sempre escutou da mãe a promessa de que sua pele também se tornaria mais embranquecida, pois o pai - uma figura ausente desde os ternos anos de vida do sonhador - já fora mais negro do que era.

A promessa de branqueamento feito pela figura materna com o tempo parece não se realizar à medida que a criança se aproxima da puberdade, onde as mudanças físicas e psicológicas acontecem normalmente. O desejo persiste apesar das qualidades fenotípicas negras permanecerem, a tonalidade da pele, o cabelo, o nariz. O garoto

percebeu que as mudanças desejadas eram irrealizáveis de forma natural e só poderiam acontecer mediante o processo de branqueamento, como supunha que Michael Jackson teria submetido. Perante a impossibilidade concreta que a realidade impõe à criança, o desejo é suprimido do campo da consciência e passa a ganhar existência no inconsciente. Portanto, o sonho parece se tornar o único meio de realização desse desejo, agora um conteúdo latente no inconsciente que força sua entrada na consciência.

Em um planeta povoado por oito bilhões de seres humanos do qual uma parcela significativa é negra, ocupando diversas regiões, com histórias, culturas e linguagens diferentes, a questão a se fazer é: de quem estamos falando aqui? Existem certamente, em diversos espaços e tempos, crianças negras que experimentam o mesmo desejo e têm sonhos semelhantes, provavelmente um número bem maior do que se possa imaginar, no entanto, há também a probabilidade de que exista um número expressivo de crianças negras que não vivenciam tal experiência.

A resposta é simples e quem nos dá é a psiquiatra Souza (2021, p. 65): “O negro de quem estamos falando é aquele cujo ideal do ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido, e que endossa a luta para realizar esse modelo.”. Nesse caso, o sonhador faz parte desse grupo de negros com o ideal de ego branco.

UM SONHO DE UM HOMEM NEGRO

Outro relato de um sonho nos é dado por Frantz Fanon (2008, p. 95) na sua obra *Pele Negra, Máscara Branca* em que ele diz que:

Quando um preto me conta o seguinte sonho: “Caminho há um tempo, estou muito cansado, tenho a impressão de que algo me espera, ultrapassa as barreiras e os muros, chego a uma sala vizinha, e atrás de uma porta ouço o barulho, hesito antes de entrar, enfim tomo uma decisão e entro; há nessa segunda sala alguns brancos, constato que eu também sou branco”.

Na interpretação desse sonho, Fanon (2008, p. 95) diz o seguinte: “quando tento compreender este sonho, analisá-lo, sabendo que este amigo tem dificuldades em se desenvolver, concluo que este sonho realiza um desejo inconsciente.” Então, isso significa que o sonho é a única via que resta ao negro realizar o seu desejo inconsciente? Certamente não. De acordo com a teoria de Freud (2019, p. 621) “os sonhos não podem ser sua única manifestação; cada sonho pode ser a realização de um desejo, mas tem de

haver outras formas anormais de realização de desejos além dos sonhos.” E continua o psicanalista, “E, de fato, a teoria dos sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que *também eles devem ser vistos como realizações de desejos inconscientes.*” Portanto, podemos concluir com isso que há outras válvulas de escape por onde se realiza esse desejo alucinatório de embranquecimento.

Nosso interesse aqui não é fazer um estudo aprofundado sobre os sintomas psiconeuróticos que atingem a pessoa negra, exigiria um estudo mais abrangente e detalhado do tema e não cabem aqui questões específicas do campo da psiquiatria. Fiquemos com a parte mais psicológica, pois segundo Freud (2019, p. 621) “o sonho é apenas o primeiro elo de uma sequência altamente significativa para o psiquiatra, cuja compreensão constitui a solução da parte puramente psicológica da tarefa da psiquiatria.” Nesse caso, nos detemos nesta “parte puramente mais psicológica” trazendo mais sonhos interpretados pelo psiquiatra Fanon na sua obra acima citada.

OS SONHOS DE ANGÚSTIA COMO SONHOS DE PUNIÇÃO

No capítulo 4: “Sobre o pretense complexo de dependência do colonizado”, Fanon (2008, p. 96-97) traz os sete relatos de sonhos da obra *Psychologie de la colonisation*, capítulo I: *Les rêves* do psicanalista francês Octave Mannoni.

Os sonhos são os seguintes:

Sonho do cozinheiro:

Sou perseguido por um negro touro furioso. Aterrorizado, subo em uma árvore, onde fico até que passe o perigo. Desço todo trêmulo.

Sonho de Rahevi, menino de treze anos:

Caminhando pela floresta, encontro dois homens negros. Ah, digo, estou perdido! Vou (quero) fugir, mas é impossível. Eles me cercam e balbuciam do jeito deles. Creio que dizem: ‘Você vai ver o que é a morte’. Tremo de medo e lhes digo: ‘Deixem-me em paz, senhores, tenho tanto medo!’. Um desses homens fala francês, mas, apesar de tudo eles me dizem: “Vamos ver nosso chefe”. A caminho, eles me fazem andar na sua frente deles e me mostram seus fuzis. Meu medo redobra, mas, antes de chegar ao acampamento devemos atravessar um riacho. Eu mergulho até o fundo. Graças a meu sangue frio, chego a uma gruta de pedra e me escondo dentro. Quando os dois homens vão-se embora, eu fujo e volto para a casa dos meus pais.

Sonho de Jasette:

O sujeito (uma menina) está perdida e se sentou em um tronco de árvore caído. Uma mulher usando um vestido branco lhe diz que ela

está em meio dos bandidos. O relato continua assim: “Sou estudante, respondi-lhe tremendo, e quando voltava da escola me perdi por aqui”. Ela me diz: “Siga por esse caminho e chegará à sua casa”.

Sonho de Razafi, menino entre treze e catorze anos:

Ele é perseguido por soldados de infantaria (senegaleses) que, correndo, “fazem um barulho de cavalos galopando”; “eles carregam seus fuzis diante de si”. O sujeito escapa tornando-se invisível. Sobe uma escada e encontra a porta de casa.

Sonho de Elphine, menina entre treze e catorze anos:

Sonho com um boi negro que me persegue furiosamente. O boi é vigoroso. Sua cabeça, quase toda salpicada de branco (sic), tem dois longos chifres bem pontudos. Ah, que infelicidade, penso eu!. A trilha se encolhe, o que posso fazer? Volto-me para uma mangueira. Ai de mim! Caio no meio dos arbustos espinhosos. Então ele empurra os chifres contra mim. Meu intestino sai e o boi o come.

Sonho de Raza:

No seu sonho, o sujeito ouve dizer na escola que os senegaleses estão chegando. “Saí no pátio da escola para ver.” Os senegaleses estavam realmente chegando. Ele foge, toma o caminho de casa. “Mas nossa casa também foi desmantelada por eles.”

Sonho de Si, menino de catorze anos:

Eu estava passeando no jardim, quando senti algo formando uma sombra atrás de mim. As folhas se chocavam ao redor de mim, caindo como se houvesse um bandido querendo me pegar. Quando eu caminhava em qualquer das trilhas, a sombra sempre me seguia. Então fiquei com medo e comecei a fugir, mas a sombra dava passos enormes, estendia a sua mão enorme para me pegar pela roupa. Sentia minha camisa rasgada e gritava. Ao escutar o grito meu pai pulava da cama e me olhava, aí a grande sombra desaparecia e eu não sentia mais o grande medo.

Desses sonhos não temos detalhes do material utilizado nas suas produções, as vivências e os pensamentos dos dias anteriores ao sonho. Mas entendendo que cada sonhador vivia uma condição de colonizado, num contexto em que crianças e adultos experimentaram de alguma forma, nos seus cotidianos, a angústia de ser estrangeiro no próprio país, de sempre ser reprimido e “colocado no seu lugar”, no lugar de negro, podemos constatar que há um elo comum entre esses sonhos.

Os sonhos apresentados são sonhos de angústia, e apesar do elemento predominante ser o terror, continuam sendo a realização de um desejo inconsciente, pois, “já não é algo contraditório para nós a noção de que um processo psíquico que desenvolve angústia pode, mesmo assim, ser a realização de um desejo”, segundo Freud (2019, p. 633). Esses sonhos não podem ser entendidos fora do contexto em que vive

cada sonhador, seus temores, seus estereótipos, suas lutas. Fanon (2008, p. 96-97) nos apresenta esse contexto:

É preciso recolocar estes sonhos no seu tempo, e este tempo é o período em que oitenta mil nativos foram assassinados, isto é, um habitante para casa cinquenta; e colocá-los no seu lugar, e esse lugar é uma ilha de quatro milhões de habitantes, no seio da qual nenhuma verdadeira relação pode ser iniciada, onde as dissensões pipocam aqui e além, onde mentiras e demagogias são os únicos senhores.

O lugar em que vivem esses sonhadores é a ilha de Madagascar, são da etnia Malgaxe que nesse período vivenciam o terror do colonialismo francês. Em meio ao temor de ser perseguido, torturado e morto, o desejo de liberdade é sempre latente, sempre reprimido pelo sujeito que teme que esse anseio possa torná-lo alvo dos torturadores do regime, porque o regime colonial busca sempre manter o colonizado no seu devido lugar. E é sabido que, para sair desse lugar só há uma única alternativa: ser branco. Nas sociedades do período colonial ou naquelas que conservaram certos resquícios desses períodos nas suas estruturas, a liberdade é sempre branca, ou seja, ser branco é a única condição de ser livre, de ser considerado humano.

Se há um desejo nesses sonhos é certamente o desejo de liberdade, um desejo de branquitude, um desejo reprimido. São sonhos desprazerosos e “os sonhos desprazerosos podem ser também ‘sonhos de punição’”. (FREUD, 2019, p. 609) Aqui as descobertas de Freud (2019, p. 609) nos interessam, pois, nos ajudam a entender que “o que neles (sonhos de punição) se realiza é também um desejo inconsciente, o de punição do sonhador por um impulso com desejo proibido e reprimido.” Esses sonhos relatados se configuram como sonhos de punição, pois, são desprazerosos, e há neles um conflito entre o desejo inconsciente do “Eu” e o desejo inconsciente reprimido.

O “Eu” da pessoa negra, – aquilo que ela é – nesse caso o Malgaxe, ela é esta pessoa negra que deve se manter tranquilo no seu lugar, no entanto, tem diante de si o ideal de ego, que é aquilo que ela deseja ser, ser branco. Ser branco ou ser sempre melhor em tudo, e “para o negro, entretanto, ser melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do ideal. É que o ideal do ego negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominante, é branco. E ser branco lhe é impossível”), afirma Souza (2021, p. 73), e continua, “diante da experiência do inverossímil, frente à constatação dramática da impossibilidade de realizar o ideal, o negro vislumbra duas

alternativas genéricas: sucumbir às punições do superego ou lutar, lutar ainda mais, buscando encontrar novas saídas.”

Nos sonhos o “Eu” (superego)² pune a criança e o adulto negro pelo desejo inconsciente proibido a eles, pois, a qualidade fundamental dos sonhos de punição seria que o que neles se constitui como formador do sonho não é um desejo inconsciente vindo do reprimido, mas um desejo de punição reagindo a este, pertencente ao Eu, apesar de ser inconsciente. (FREUD, 2019, p. 610) Esses sete sonhos de angústia relatados podem nos revelar um certo grau de submissão destes indivíduos às punições do superego. Talvez se nos fosse possível observar tais indivíduos, até os mais leigos no assunto da psicologia, veria o que Fanon nos disse ter visto: “nós os vemos trêmulos, evasivos, infelizes”.

Sucumbira às punições do superego, a primeira alternativa genérica que fala Souza (2021, p. 73), “é representada pela melancolia, em seus diferentes matrizes e gradações. Aqui, o sentimento de perda da autoestima é dado constante que nos permite unificar numa mesma categoria dessa condição psicopatológica que denuncia a falência do ego.” Portanto, a pessoa negra com o ideal do ego branco, que frente à impossibilidade de realização desse ideal, com um ego desmantelado, tende a desenvolver estados neuróticos.

Para a psiquiatra Souza (2021, p. 73), “sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia, atormentam aqueles cujo ego caiu em desgraça diante do superego. A distância entre o ideal e o possível cria um fosso vivido com efeito de autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica.” Sintomas, portanto, apresentados pelos sonhadores acima mencionados.

UM IDEAL DE EGO INATINGÍVEL

A título de exemplo, trazemos aqui duas pacientes negras que foram atendidas pela psiquiatra, que vivenciam outra realidade social diferente dos Malgaxes, mas que carregam esse ideal de ego branco inatingível e sofrem as consequências disso:

² Numa nota acrescentada em 1930, na sua obra *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud diz o seguinte quando fala do Eu (pré-consciente): Este seria o lugar para mencionar o Superego, reconhecido posteriormente pela psicanálise.

O C. era branco, família branca e morava em Ipanema. Senti aí todos os complexos. Ia na casa dele morrendo de vergonha. Só me relacionava bem com ele na Faculdade... Me sentia rejeitada nos lugares, não conseguia dar uma palavra. Eu não conseguia nem transar meu estereótipo, minha imagem de mulher maravilhosa. Não me sentia respeitada pelos amigos dele, me sentia insegura. É como se eu apresentasse uma imagem e não fosse nada daquilo... Eu sentia vergonha de meu corpo. Eu queria transar no escuro... Eu fui ficando cada vez mais fechada, me sentia ameaçada por todos em relação a C.. Tinha medo de tudo. (Carmem)

Fiquei apaixonada por R., mas ele estava, na época, começando o processo de um novo casamento e sofri muito. Eu fiquei de terceira. Ela era branca, mais madura, uma mulher com filho... Eu a achava mais segura, mais forte do que eu. Fiquei de terceira. Fiquei achando que estava cumprindo o papel da mulher negra: a amante. Os homens ficavam com as mulheres brancas. (Luísa) (SOUZA, 2021, p. 74)

Outro exemplo de autodesvalorização e conformismo, atitude fóbica, submissa e contemporizadora, fruto da decepção consigo mesmo por não possuir um ideal realizável pelo ego é de um homem negro entrevistado por Souza (2021, p. 74-75) que diz:

Eu capitalizava as reações negativas que me levavam à humilhação e recolhimento. Reagia com pânico quando os meninos (colegas brancos) me chamavam “negrinho”, “preto fudido”. Eu tinha sido programado como sendo um deles. O fato de eu ser discriminado assim, só me surpreendia, me humilhava. Se eu tivesse sido um menino de comunidade negra, eu teria reagido. Teria alguma coisa para afirmar. Mas eu tinha sido programado para ser como um deles. A timidez, fruto de minha criação, fez com que eu tomasse uma atitude de contemporizar, submissa. Eu não tinha orgulho nenhum. Fiquei à mercê daquilo tudo. Tentei minimizar as dores... Me tornei muito retraído condescendente. Aquela docilidade de escravo! Engolia sapo... (Alberto)

As mulheres e homens negros, de qualquer parte do mundo e em qualquer época ou contexto histórico, submetidos desde criança ao ideal de ego branco, imposto por uma estrutura social que valoriza a branquitude e inferioriza a negritude, tendem a ter suas saúdes mentais abaladas. Entendendo a estrutura social que produz o indivíduo negro, oprimido por um complexo de inferioridade produzido pela punição superegóica, devemos, portanto, analisar os sonhos acima por uma ótica, em que, segundo Fanon (2008, p. 98), “as descobertas de Freud não nos são de nenhuma utilidade”. Isso porque na Interpretação dos Sonhos, Freud explica:

Eu não hesito em utilizar a mesma explicação para ataques de angústia noturnos acompanhados de alucinações (o *pavor nocturnus*), tão frequentes nas crianças. Também nesse caso só pode se tratar de impulsos sexuais não compreendidos e rejeitados, que, se fossem registrados, provavelmente revelariam também uma periodicidade na ocorrência, pois uma intensificação da libido sexual pode ser produzida tanto por impressões excitantes eventuais como por processos de desenvolvimento espontâneos, que sobrevêm por ondas.

A interpretação desses sete sonhos que nos é dada por Fanon não parte da análise da sexualidade individual como fonte da origem dos pensamentos oníricos, como se fossem sonhos do indivíduo, de ser sua pulsão sexual pessoal responsável pela produção desses sonhos de angústia. Para Fanon (2008, p. 100), em certos momentos, “o social é mais importante que o individual”, na medida em que as estruturas sociais produzem desejos coletivos, as condições socio-econômicas determinam as condições reais nas quais se manifesta a sexualidade individual.

Entendendo que o conteúdo onírico depende das condições gerais sociais no qual o sonhador está inserido, Fanon (2008, p. 100) nos dá a seguinte interpretação:

O touro negro não é o *phallus*. Os dois homens negros, não são os dois pais - um representando o pai real, o outro ancestral. Eis aqui a que uma análise aprofundada poderia levar, com base nas próprias conclusões de Mannoni no parágrafo intitulado “O culto dos mortos e a família”: o fuzil do soldado senegalês não é um pênis, na verdade é um fuzil Lebel 1916. O touro negro e o bandido não são *lolos*, “almas substanciais”, mas uma irrupção, durante o sono, de imaginações reais. Que representa esta estereotipagem, esse tema central dos sonhos, senão uma reposição no bom caminho? Ora são soldados *negros*, ora são touros *negros* com a cabeça manchada de branco, ora é uma branca muito gentil. Que encontramos nesses sonhos, senão esta ideia central: “Afastar-se da rotina é passear em matas onde se encontra o touro que vos reconduz rapidinho à casa”.

O material sobre qual é produzido esses sonhos advém de uma realidade externa de violência, onde os soldados negros, senegaleses, – também colonizados pelos mesmos europeus – têm a missão de manter os Malgaxes nos seus devidos lugares. Uma estrutura social que impossibilita a ascensão social de homens e mulheres de cor, que acabam sendo todos silenciados, aterrorizados, perseguidos e eliminados quando ousam se posicionar como seres humanos.

UM NOVO IDEAL DE EGO

Para aqueles que estão inseridos nesses tipos de estruturas, onde o modelo ideal do ego é branco, só há duas saídas, segundo Souza (2021, p. 73): 1. Sucumbir às punições do superego; 2. lutar, lutar ainda mais, buscando encontrar novas saídas. Sobre a primeira alternativa já falamos acima, mas o que nos interessa de fato é a segunda que diz:

O negro que elege o branco como ideal do ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro ideal do ego. Um novo ideal do ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva histórica. Um ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da história.

Independentemente dos modos de compreender o sentido da prática política, seu exercício é representado para o negro como meio de recuperar a autoestima, de afirmar sua existência, de marcar o seu lugar. (SOUZA, 2021, p. 77)

Novamente tomemos a título de exemplo, agora três entrevistados da Souza – inclusive, dois deles já mencionados no exemplo anterior – para demonstrar o caminho de luta que eles engendraram. Conta no a Souza (2021, p. 77):

Substitui bem o C. pela militância política. Ele não quis se engajar e eu usei isto contra ele — quis mostrar que eu era superior a ele. Escolhi a linha política mais avançada. Foi aí que comecei a transar politicamente a questão racial. (Carmem)

O negro tem que tomar posição (política). A gente tem que buscar soluções. O negro é sempre negro... só tem uma forma de pesar na balança: é mostrar o peso econômico da massa negra organizada. O negro não pode se esconder, ele tem que ir à luta... Não tem que pedir licença, tem que ir à luta... O negro tem que fazer sua história. (Correia)

...comecei a prestar mais atenção em volta, a estabelecer uma relação mais atenta com a sociedade. Meu trabalho passou a ser mais vestido com as roupas da negritude. A meu modo... (Alberto)

Estes são alguns exemplos de engajamento político do indivíduo negro na luta contra o racismo estruturado, uma luta que só pode ser coletiva, uma participação ativa nas decisões sociais capaz de transformar as estruturas que mantiveram e buscam manter as pessoas negras fora das posições de liderança. Cada um, dentro das suas condições e possibilidades, buscando a única saída, além da submissão, que a sociedade impõe aos homens e mulheres negras: lutar.

Um lutador das causas negras, combatente e militante nas lutas de libertação dos territórios africanos do colonialismo europeu, Frantz Fanon (2008, p. 95), que atendia negros argelinos no seu escritório de psicanalista, ao constatar o desejo inconsciente de ser branco como conteúdo latente no sonho daquele homem negro, conclui:

1. Meu paciente sofre de um complexo de inferioridade. Sua estrutura psíquica corre o risco de se desmantelar. É preciso protegê-lo e, pouco a pouco, libertá-lo desse desejo inconsciente.
2. Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldade que ele é colocado em uma situação neurótica.

Como psicanalista, Fanon vê a necessidade de ajudar seu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório. Uma ação sobre um indivíduo, que não pode ser dissociada da ação sobre o grupo, pois, como parte de um coletivo, orientá-lo a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais. Fanon traz a psicanálise para fora do laboratório, longe do divã, além dos muros que confinam o paciente exercendo sua ação somente sobre o indivíduo, tentando compreender suas psicopatologias com objetivo de tratá-lo ou até curá-lo, integrando-o novamente à estrutura social.

Para o psicanalista antilhano, a causa da situação neurótica de seu paciente não tem origem na sua sexualidade ou qualquer fator de natureza individual, mas sim nas estruturas sociais que não o reconhecem como humano se ele não for branco. A intervenção de Fanon (2008, p. 95-96) como psicanalista é, segundo suas próprias palavras:

... o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais.

Entendendo as causas do conflito, a verdadeira origem delas, o indivíduo tem a possibilidade de escolher lutar ou sucumbir a essas estruturas. Ele pode assim estabelecer para si um novo ideal de ego, engajar nas causas sociais que defendem os



direitos iguais independentemente da cor; ou simplesmente aceitar que as coisas são ou devem ser do jeito que são e encaixar na engrenagem dessa estrutura social. A psicanálise, nesse caso, nos ajuda a entender o conflito e sua origem; no entanto, a escolha de transformar o que gera esse conflito ou acomodar a ela é uma escolha do indivíduo.

A interpretação dos sonhos pode nos ajudar a perceber o desejo inconsciente latente que no sonho busca sua satisfação; entender que o material a ser trabalhado no sonho é retirado de um contexto social vivenciado pelo próprio sonhador e que o sonho não produz nada de novo que não tenha acontecido na vida de vigília. Então, percebemos que sempre se faz necessário mudar determinadas estruturas sociais com ações efetivas, e a nível pessoal, trazer para consciência o desejo inconsciente, isto é, no estado de vigília, pensar sobre este desejo, analisá-lo, dissecá-lo, a fim de criar para si um novo ideal de ego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe concluir, a partir de tudo o que foi exposto, que o sonho, no caso, o sonho da criança e do adulto negro que vivem inseridos numa estrutura social que lhes impõe um ideal de ego branco, são sonhos de manifestação de um desejo inconsciente. São sonhos de punição, gerados pelo conflito do ego real que se vê incapaz de atingir o ideal de ego imposto. Nosso objetivo nesta pesquisa foi demonstrar que pelo pensamento da Neuza Sousa Santos e do Frantz Fanon, não obstante as diferenças da realidade social e histórica de cada um, o homem e a mulher negra devem conscientizar-se do seu desejo inconsciente e escolher criar para si um novo ideal, transformando as estruturas a partir de lutas políticas, lutas que não são individuais, mas coletivas.

Dentre as propostas de saída dessa situação neurótica que se encontra a pessoa negra com ideal de ego branco, ressaltou-se a alternativa apresentada por Neusa Santos Souza que é a construção de uma nova identidade. Nos seus escritos a psiquiatra escreve:

A construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta esta dissertação, gerada a partir da voz dos negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhes dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da história – individual e coletiva, social e psicológica. (SOUZA, 2021, p. 116)

Uma proposta eminentemente política, que visa não só uma mudança pessoal, mas também uma luta pela transformação social, uma ação que vai além do individual. Uma dos instrumentos dessa luta, usado tanto por Neuzza quanto por Fanon, é a psicanálise. No entanto, segundo Fanon (2008, p. 28), deve se incluir a análise do contexto social, das condições econômicas ao lado dos outros métodos psicanalíticos,

Reagindo contra a tendência constitucionista em psicologia do fim do século XIX, Freud, através da psicanálise, exige que fosse levado em consideração o fator individual. Ao lado da filogenia e da ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia.

Portanto, o psiquiatra antilhano, na sua proposta como psicanalista, Fanon (2008, p. 95), diz haver “a necessidade de uma ação conjunta sobre o indivíduo e sobre o grupo. Enquanto psicanalista, devo ajudar meu cliente a *conscientizar* seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim no sentido de uma mudança das estruturas sociais.” Podemos concluir que a luta contra o racismo deve ser feita em duas vias, à nível pessoal, criação de uma nova identidade; e a nível social, lutar pela mudança de estruturas sociais que mantêm e reproduzem o racismo.

A proposta desse artigo foi apresentar alguns sonhos de crianças e adultos negros que traziam o desejo inconsciente de embranquecer. A partir dessa leitura, o leitor pode submeter seus sonhos, antigos e atuais, a análise e interpretação, ou pelo menos questionar sobre o conteúdo latente desses sonhos. Os sonhos revelam-se como manifestação de sintomas de um estado psicológico de conflito interno e pessoal provocado por condições externas e sociais de existência. Portanto, a interpretação do sonho apresenta-se como o primeiro passo para levantar questões pessoais e sociais.

REFERÊNCIAS

CAYOLLA, L. A educação dos indígenas, dos colonos e dos funcionários coloniais. **Agência Geral das Colônias**. Antologia colonial: política e administração. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1946.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CONSTANTINI, D. **Uma malattia europea**: il “nuovo discorso coloniale” francese e i suoi critici. Pisa: Edizioni Plus, 2006.



FANON, F. **Alienação e liberdade:** escritos psiquiátricos. Tradução de Sabastião Nascimanto. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, F. **Os Condenados da Terra.** Tradução de António Massano. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 4: a interpretação dos sonhos (1900).** Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 5: Psicologia da vida cotidiana e Sobre os sonhos (1901).** Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala:** formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal (1933). São Paulo: Global, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou As Vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Submetido em: 06/08/2023

Aceito em: 08/07/2024